

# Instituto de Artes

## O preço da tradição

O Instituto de Artes e Ofícios, da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva não é uma escola como as outras. Ali, a tradição ainda é o que era. Os seus alunos aprendem as artes e os ofícios tal como estes foram ensinados ao longo dos séculos. Mas não é só por isto que o Instituto de Artes e Ofícios é uma escola diferente. É também porque, lado a lado com esta sabedoria do passado, este Instituto dá aos seus alunos uma sólida preparação científica e técnica. Uma escola onde se vive com um pé no passado e outro no futuro. Talvez seja esta a chave do seu sucesso. Por: Rosa Amaral

Mal se entra no velho edifício da Calçada de S. Vicente, percebemos que o IAO não é de facto uma escola como as outras. Há arte por todo o lado. Nas paredes, nas escadas e até nos tectos. Frescos, telas, desenhos a carvão. Helena Faria, do IAO, explica que se trata de uma espécie de trabalhos práticos. Nem o seu gabinete escapou à criatividade dos alunos. "Está a ver aquelas ondas, deve ter sido inspirado pela Expo pois foi nesse altura que me pediram autorização para as pintar", diz em tom de brincadeira.

Neste ano lectivo o IAO é frequentado por 80 alunos, divididos pelos três anos que dura a sua formação. Uma formação intensiva em várias áreas teóricas e práticas que elimina naturalmente quem de facto não nasceu para aprender estas artes e ofícios. No dia em que visitámos o IAO pudemos assistir a uma aula de embutidos e ver o trabalho dos alunos. E podemos garantir que de facto não é para qualquer um.

A renda em madeira, meticulosamente desenhada, recortada e mais tarde embutida em pequenos contadores também cortados e montados pelos alunos é surpreendente, principalmente se pensarmos que se tratam de trabalhos obrigatórios do primeiro ano do curso. Uma surpresa sempre presente durante toda a visita ao IAO, quer na oficina de talha, como na aula de pintura.

É que ali tudo se faz com a arte, técnica e sabedoria do passado. Sem a batota das novas tecnologias como as serras

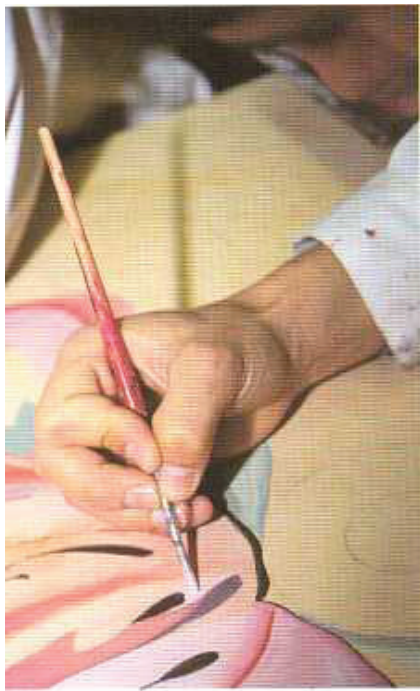
eléctricas, lixadoras mecânicas e outras invenções deste século. O importante é mesmo preservar a tradição. Mesmo que dê mais trabalho e exija mais perícia. "Há por aí cursos que permitem aos seus alunos utilizar outras ferramentas que não as tradicionais. Mas isso não nos interessa", diz Helena Faria. Quando no dia anterior visitámos as oficinas da Fundação, Helena Faria avisou-nos que o IAO era igual mas em miniatura. É verdade. O espírito que paira em S. Vicente é o mesmo que encontrámos na Fundação, mas no IAO tudo está a começar.

O IAO foi criado nos anos 80 com o objectivo de formar novos artífices de acordo com as exigências do mercado e, principalmente, com o espírito de Ricardo Espírito Santo Silva, cuja grande preocupação era a morte iminente das artes decorativas tradicionais.

O IAO nasceu essencialmente devido à necessidade de uma formação profissional mais alargada nas áreas das artes e ofícios, formação à qual as oficinas da Fundação não conseguiam dar resposta.

Em 1985 iniciaram-se os primeiros cursos regulares de três anos para jovens e adultos com a habilitação mínima do 9º ano de escolaridade, que quisessem começar a aprender as artes de trabalhar a madeira, os metais ou a pintura decorativa. Com o apoio do Instituto de Emprego e Formação Profissional foi comprado o edifício da Calçada de S. Vicente que, depois de obras de adaptação, ficou com capacidade para albergar cerca de 200 alunos. Em 1989, o IAO adquiriu o estatuto de escola profissional privada englobada no sistema educativo nacional.

No IAO a formação dos seus alunos passa por uma aprendizagem teórica, técnica e prática. Assim, a formação do jovem artífice não se esgota na perícia do "saber fazer" e no "jeito de mãos" enriquecidas ao longo do tempo, com aquisições teóricas mais ou menos esparsas ou autodidactas.



# Ofícios



Em vez disso, o IAO pretende formar uma nova geração de profissionais com uma sólida preparação científica e técnica da qual fazem parte a História da Arte e do Mobiliário, as cadeiras de Desenhos de Representação, Técnico e Ornato, a Geometria Descritiva, a Modelação, as Tecnologias de Materiais, as Práticas Laboratoriais, a Ética e os Princípios do Restauro, o domínio do Português e de uma língua estrangeira e as práticas oficinais.

Esta abordagem interdisciplinar pressupõe como peças fundamentais, os mestres e oficiais de Fundação, os quais constituem uma base de saberes e competências que, transmitidos aos alunos num contexto oficial, lhes permitirá virem a ser herdeiros da tradição das artes decorativas portuguesas, com várias perspectivas profissionais. Não só na área de reprodução, recorrendo às técnicas tradicionais, como também na área de conservação e restauro de património.

Estes mestres e oficiais altamente qualificados foram os primeiros aprendizes das oficinas da Fundação. Entraram para a instituição nas décadas de 50 e 60. Muitos, totalmente iletrados, outros, possuindo apenas a escola primária e, outros ainda, vindos de estabelecimentos de ensino como a Casa Pia ou a Escola António Arroio, onde adquiriram conhecimentos básicos essenciais ao desenvolvimento da sua vocação.

Nas oficinas da Fundação treinaram e aperfeiçoaram as suas artes guiados pelos mestres mais velhos que Ricardo Espírito Santo Silva e Guilherme Possolo tinham conseguido recrutar a partir de pequenas oficinas familiares do bairro do castelo e de outros bairros de Lisboa.

No Museu puderam conviver com "as mais expressivas realizações da sua arte", frequentar aulas de desenho e de História da Arte e assistir a conferências sobre os mais varia-

dos temas relacionados com as artes decorativas. Apesar da formação e aperfeiçoamento profissional dos trabalhadores da Fundação terem sido ao longo do tempo uma prioridade, as suas oficinas estiveram desde sempre abertas a outras pessoas, portuguesas e estrangeiras, que continuam a procurá-las para a realização de estágios e especializações.

A formalização do IAO veio dar oportunidade a estes mestres de transmitirem as suas artes e saberes aos alunos, de uma forma sistemática durante as aulas práticas. Apesar dos edifícios onde estão instalados o instituto e as oficinas não estarem lado a lado, o contacto entre os alunos e as oficinas da Fundação consegue ser muito estreito. "No primeiro dia de aulas, depois da apresentação dos alunos, a primeira coisa que fazemos é visitar a Fundação e as suas oficinas. É importante que os alunos conheçam a sua casa", diz Helena Faria.

Além disso, são cada vez mais os alunos que distinguindo-se nos cursos do IAO, acabam por preencher as vagas nas oficinas, convidados pela própria Fundação que garante assim a renovação dos seus quadros.

Cruzeta

ESCULTURA E CANTARIAS  
RESTAURO, Lda.



Rua República da Bolívia, 97-4º Dtº. - 1500-545 Lisboa  
Tel.: 21 715 03 70 - Fax 21 982 41 88  
Telem. 96 7094 130

## Um museu vivo

"Um museu-vivo". É assim que Maria João Bustorff, Directora da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva gosta de chamar as oficinas que continuam a funcionar na Fundação. É ali entre aquelas quatro paredes, que se preservam os saberes de ofícios e a memória das técnicas ancestrais. Actualmente funcionam 15 oficinas onde estão representadas vinte artes e ofícios tradicionais. E cerca de uma centena de artífices distribuídos pelas áreas de Desenho, Marcenaria, Embutidos, Talha, Pintura Decorativa, Pintura de Esmaltes, Douragem, Manufatura e Restauro de Tapetes de Arraiolos, Fundição, Cinzelagem, Serralharia, Latoaria, Acabamentos, Restauro de Livros e Pergaminhos, Encadernação, Decoração de Livros, Restauro de Porcelanas, Vidros e Faianças, Estofos e Sirgueria, Empalhamento, Laminagem Manual de Ouro e Gravação em Couro.

Uma visita a estas oficinas é uma inesquecível viagem ao passado das artes e ofícios tradicionais portugueses: o ouro ainda é batido manualmente transformando uma barra de 100 gramas em 5376 folhas de ouro, os livros estragados são cozidos a linha, encadernados e decorados como se fazia há séculos e os metais são cinzelados com instrumentos fabricados pelos próprios artífices.

São pormenores como estes que deram às oficinas da Fundação um prestígio a uma fama imbatível. As encomendas chegam de todo o mundo. Como as réplicas encomendadas pelo governo francês para os palácios de Versalhes e Fontainebleau até ao presente de casamento do governo português para os príncipes Carlos e Diana.

Embora a reprodução de réplicas represente a maior fatia do trabalho destas oficinas, a conservação e o restauro de obras de arte continua a ser uma área muito importante. Ainda recentemente a Fundação esteve envolvida num projecto de restauro da Igreja de Santo António, em Igarassu, no Brasil. Uma obra na qual os artífices da Fundação não só recuperaram o templo como ao mesmo tempo deram formação aos seus colegas brasileiros. E ajudaram que as artes e ofícios tradicionais portugueses fossem conhecidos e simultaneamente preservados do outro lado do Atlântico.



## Um mecenas à portuguesa

Ricardo Espírito Santo Silva, foi o banqueiro coleccionador que, um dia decidiu criar uma Fundação para ali instalar um museu de artes decorativas portuguesas e guardar todas as peças importantes de mobiliário, ourivesaria, pintura, porcelana, tapeçaria e têxteis que ao longo da vida conseguiu resgatar durante as suas viagens pelo estrangeiro.

Conhecedor das artes decorativas, admirador de artistas e artífices Ricardo Espírito Santo Silva foi um mecenas no verdadeiro sentido da palavra. E, curiosamente, tudo começou ao 16 anos, quando comprou a sua primeira peça, um tapete de Arraiolos em muito mau estado. Quando morreu, aos 54 anos, possuía uma colecção invejável, que preferiu legar a uma Fundação para nela se instalar um museu-escola de artes decorativas.

Meio século depois, a Fundação Ricardo Espírito Santo Silva prossegue o sonho do seu fundador. "As artes decorativas, muitas vezes consideradas como artes menores, são, na realidade, a mais alta expressão da civilização e da elegância, já que são uma consequência do desenvolvimento colectivo do gosto", escreveu um dia.

Além do plano de cursos oficiais, o IAO organiza também cursos de especialização na área de Talha, Cerâmica, Azulejos, Pintura Mural e ainda cursos de curta duração tais como Encadernação e Decoração de Livros, Conservação de Mobiliário, Pintura sobre Tecidos, Tecelagem, Marmoreados e Esponjados e Restauro de Porcelanas, Vidros e Faianças. Os alunos destes cursos formam grupos heterogéneos, de diferentes idades e profissões. "Vêm por curiosidade, muitos para aprenderem, outros para valorização profissional", diz-nos um dos mestres da Fundação.

Este interesse cada vez maior pelas velhas técnicas e saberes das artes e ofícios tradicionais dão aos alunos do IAO cada vez maior abertura para saídas profissionais. Ao contrário do que acontece com a maioria dos cursos médios e superiores, os alunos do IAO facilmente arranjam empregos depois de terminados os cursos. É que aquilo que aprenderam com os mestres da Fundação não tem concorrência cá fora. Nem vem nos livros. São os tais saberes transmitidos de geração em geração, ao longo dos séculos.